

Estudantes finalistas e representações sobre o futuro

Emília Araújo

Joana Domingues

Sabina Ribeiro

Sílvia Martins

Ana Santos

1. Introdução

Nas sociedades contemporâneas a transição para a vida adulta permanece associada à conquista de autonomia financeira, a qual depende da entrada no mercado de trabalho (Abrantes e Guerreiro, 1998). Esta transição para a vida adulta é cada vez mais demorada, implicando a gestão permanente da incerteza em relação ao futuro por parte das instituições, governos e indivíduos. Assumido ainda como principal horizonte temporal, em relação ao qual se desencadeiam as acções quotidianas, o futuro surge cada vez mais representado como resultado da acção individual, embora sem um carácter sequencial ou linear, tal como caracterizava os percursos dos biográficos do capitalismo industrial (Boltanski e Chiapello, 2000).

Podemos adiantar, tal como afirmava Pais (cit. in Abrantes, 2007:25) que a inserção dos jovens na vida adulta tende hoje a deixar de implicar trajectórias lineares (da escola para o trabalho) e requerer trajectórias *yo – yo* envolvendo a gestão simultânea de situações (nomeadamente, a formação, trabalho, vida pessoal). Mas, porque as trajectórias estão inseridas num eixo temporal, torna-se importante questionar não só quais são as representações do futuro mas também o significado que estas podem ter à luz dos modelos de orientação temporal que caracterizam as sociedades actuais e os quais primam por essa incerteza e contingência (Lallement, 2003 ; Dubar, 2004; Demazière e Dubar, 2005; Brose, 2004).

O futuro constitui uma das dimensões centrais do tempo social (Adam, 1990; Bergmann, 1992; Sue, 1995; Araújo, 2005) e consta dos estudos da sociologia do trabalho, (Mercure, 1995;1996; Dubar, 2000 ; Thoemmes, 2000 ; Zarifian, 2001 ; Lallement, 2003) estilos de vida e estratificação social (Crompton e Lyonette, 2006), entendendo-se que as concepções dos indivíduos acerca do tempo futuro sinalizam a forma como conduzem o seu dia-a-dia e o investimento que fazem em diversas esferas do seu quotidiano, no presente.

No plano empírico, o futuro, enquanto representação social, tem sido estudado em diversos segmentos e planos (Coser e Coser, 1963), designadamente atendendo à sua extensão (duração), natureza da acção individual (grau em que o indivíduo acredita ser o futuro produto da sua acção) e carácter da acção colectiva (grau em que o indivíduo acredita ser o futuro produto da acção de outros) e grau de estruturação (quantidade e natureza das acções e eventos previstos). Observando estas categorias, tem

sido analisada a influência de algumas variáveis sociológicas centrais na formulação e no condicionamento do futuro: a idade (fase no ciclo de vida e tempo histórico), o género e a classe social de pertença. De forma sintética, tende a concluir-se que o futuro constitui uma categoria representacional na qual ancora um certo esquema de acções na idade adulta, fase em que os indivíduos se sentem responsáveis por destinos de outros e de si próprios, estando aptos a conceber as implicações da sua acção sobre o futuro e a antecipar, no presente, essas consequências com resultados sobre a sua acção. Numa sociedade em que o género continua a ser uma variável estruturante nos destinos sociais dos indivíduos, sustenta-se, ainda, que as mulheres raciocinam e agem maioritariamente sobre uma postura de tipo mais providente e contingente e antecipatório do que os homens (Leccardi e Rampazi, 1993).

Em termos de classe social, o futuro surge atribuído, sobretudo, aos grupos intermédios da hierarquia social — mais concretamente à pequena burguesia de enquadramento — caracterizada pela aspiração de ascensão social e pela tendência para o adiamento de recompensas (Le Shan, 1952). Mais recentemente, fruto das mudanças sociais em curso, muito em particular o esbatimento das diferenças simbólicas e materiais entre classes sociais, tem-se discutido que o cruzamento entre o género e a classe oferece uma hipótese ligeiramente distinta. Argumenta-se as mulheres, cujas pertenças sociais se localizam em níveis menos privilegiados da hierarquia social (estamos a referir-nos aos grupos de “empregados executantes”), revelam ter uma orientação para o futuro permeada pela capacidade de adiamento de recompensas, pelo menos nos casos em que seguem a formação de nível superior.

No que respeita ao ensino superior, e como trabalhado por diversos autores (Machado et al, 2003), acrescenta-se que as áreas científicas de formação acabam por ser não só fruto de um certo *habitus* de classe e resultantes das “preferências”, características e visões do mundo dos estudantes que nelas ingressam, como acabam (as áreas), nas suas culturas e modelos de funcionamento e padrões de identidade, por modelar e condicionar as representações de futuro dos indivíduos, intervindo sobre a sua acção quotidiana. Isto na medida em que geram representações sobre a validade da formação no mercado de trabalho, poder de intervenção sociopolítica, imagem social e crença na validade da construção e investimento curriculares que actuam na construção de um leque de possibilidades de vida.

O futuro pode, atendendo a estas variáveis, constituir um objecto de análise de vários grupos sociais mas é especialmente importante trabalhá-lo ao nível dos jovens, pois trata-se do “grupo” que torna mais visíveis as mudanças em ocorrência, numa certa sociedade, ao nível cultural e social. Entre elas, as que se prendem com os modos de perspetivação dos percursos profissionais e pessoais. Ainda a sociologia, em geral, e a sociologia do trabalho, em particular, têm proposto um modelo interpretativo da experiência social dos jovens alicerçado na abordagem do risco (Beck, 2001; Giddens, 1991). Toma-se aqui como pressuposto que as suas decisões, em contextos de acção incertos, são cada vez mais autónomas e contingenciais mas também mais individualizadas nas suas recompensas e consequências (Bauman,

2003). No centro desta interpretação assume-se que as instituições (a nível macro e meso), não chamam a si o papel regulador e disciplinador sobre a vida dos indivíduos. Daí o futuro individual acabar por ser concebido como resultado último das decisões e acções dos próprios indivíduos, tidos como sendo portadores da racionalidade necessária a avaliação do risco e sua experiência.

Tendo em conta estes pressupostos teóricos analisamos os principais traços das representações sobre o futuro dos jovens de três cursos da universidade do Minho, sustentando a ideia de que, apesar da individualização ser uma característica dos modelos de acção e percepção quotidianos, os jovens desejam a existência de um acção reguladora e normativa por parte das instituições, mais concretamente enunciada através dos seus diversos discursos acerca das trajetórias pessoais.

2. Método

Este trabalho tem um carácter exploratório, dado ter abrangido uma amostra diminuta de indivíduos de quatro cursos: Sociologia, Ciências da Comunicação, Gestão e Línguas e Literaturas estrangeiras. Escolheram-se estes cursos dado inscreverem-se, de forma genérica, nas ciências sociais, uma área assumida como área «problemática» em termos de inserção no mercado de trabalho¹ embora contendo em si diversas distinções. O último é especialmente feminizado, não favorecendo o estabelecimento por conta própria².

O estudo resultou da aplicação de questionários aos alunos finalistas e da realização de entrevistas a um grupo reduzido destes, tendo sido respeitadas todas as fases necessárias à aplicação de um inquérito deste tipo, nomeadamente a realização de um pré-teste. No total foram realizados 113 questionários, distribuídos pelos diversos cursos: sociologia, ciências da comunicação, línguas estrangeiras e gestão, tendo estes sido aplicados nas aulas, de forma presencial, no início do segundo semestre de 2008.

¹ Segundo o Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais (GPEARI), a procura de emprego por parte dos diplomados com habilitação superior até Junho de 2007 apresenta uma estrutura etária mais jovem que a observada para o total de desempregados. É na estrutura etária mais jovem que a habilitação superior predomina pelo que os desempregados se concentram maioritariamente no grupo etário dos 25 aos 34 anos (57% das situações). Ao invés, é no grupo etário de 55 e mais anos que se apresentam menos ocorrências (5%). É até aos 25 anos que a intensidade de procura de emprego por parte dos jovens diplomados se revela bastante acentuada e a partir dessa idade tende a diminuir. Em relação ao total de desempregados por género é notória a prevalência das mulheres com um maior número de desempregadas com habilitação superior. Contudo são também elas que possuem mais estudos comparativamente ao género masculino. As áreas de estudo que registam um maior número de desempregados por área são as Ciências Sociais e do Comportamento que abrange cursos como Antropologia, Ciência Política, Economia, Psicologia, Sociologia e Relações Internacionais. A área de Humanidades que abrange cursos como Arqueologia, Filosofia, História e Línguas e Literaturas e a área de Serviços Sociais abrange cursos como Animação Sociocultural, Educação Social, Política Social e Serviço Social.

² O curso de Sociologia registava em 2007/2008 um total de 311 inscritos, sendo dois terços mulheres (205). O curso de comunicação social registava um total de 395 alunos, sendo 276 do sexo feminino. O curso de Línguas estrangeiras aplicadas inscrevia 100 alunos, sendo apenas ¼ do sexo masculino (24). A Gestão apresentava mais paridade: num total de 581, cerca de metade são do sexo feminino (299).

Os inquiridos são maioritariamente do sexo feminino (71,4%), tendo sido inquiridos 28 alunos em cada curso. Apenas foram inquiridos os alunos que estavam na aula, na altura da realização do questionário, facto que nos conduz a resultados ainda preliminares.

3. Projectos profissionais e familiares

A quase totalidade dos jovens inquiridos indica ter como preocupação principal terminar a licenciatura e obter emprego na sua área de formação, sendo notória a representação de que o trabalho é o meio principal de acesso ao consumo e de garantia de integração social (Nunes et al., 1997).

Assim, podemos sistematizar as preocupações enunciadas pelos inquiridos considerando as seguintes acções, todas associadas à actividade profissional: conseguir emprego; evoluir na carreira; ter estabilidade profissional; obter lugar no mercado de trabalho; gerir a «exploração» no mercado de trabalho.

A actividade profissional é uma prioridade nas suas vidas e o trabalho é entendido como muito importante. Por isso, a grande parte dos inquiridos garante que se empenha na procura de um emprego que satisfaça as suas necessidades. Todavia, só metade destes (os mesmos que indicam planejar continuar a estudar no final da licenciatura) afirma que fará tudo o que estiver ao seu alcance para conseguir uma actividade profissional que corresponda à sua área de formação. A outra metade, que provavelmente conjugará a actividade profissional “de ocasião” com a formação, considera que o seu objectivo é conseguir um trabalho, independentemente de este estar ou não relacionado com a sua área de formação. Estes jovens configuram o perfil mais comum relativamente às estratégias de integração no mercado laboral, afirmando que «a pessoa tem que se adaptar a tudo», postura que está em consonância com a ideia desenvolvida por Brannen e Nilsen. Os autores alegam ser socialmente requerido aos indivíduos que possuam capitais em várias áreas e consigam reconfigurar disposições e projectos de acordo com as exigências do inconstante mercado de trabalho (Brannen e Nilsen, 2002).

Apesar da preparação no sentido do confronto com o inesperado e incerto fazer parte dos universos representacionais dos jovens inquiridos, estes asseguram ser muito importante para si e para as suas tomadas de decisão ter informação sobre a duração ideal da formação a levar a cabo. A este respeito, faz bastante diferença no grau de planeamento de futuro, assim como em relação ao grau de segurança percebido por parte dos jovens, a existência, ou não, de mestrados integrados. As entrevistas realizadas aos alunos indicam que o mestrado integrado funciona como uma mensagem formal normativa sugerindo ao jovem que «se deve» fazer esta opção, evitando a ambiguidade e a incerteza normalmente associadas à decisão de optar, ou não, pelo 2º ciclo. Nos três cursos de licenciatura assinalados o mestrado não é integrado e, portanto, a sua escolha oferece um grau elevado de incerteza. Todavia, cerca

de metade dos inquiridos diz estar a planear realizar o mestrado no ano a seguir à licenciatura, na mesma área e na mesma universidade.

Acções possíveis	%
Efectuar um mestrado na mesma área da licenciatura	38,8
Efectuar um mestrado numa área diferente da licenciatura	10,7
Realizar uma formação profissional	3,9
Procurar emprego	42,7
Nada, em especial	1,9
Outro	1,9
Total	100,0

Quadro 1: Principal acção dentro dos próximos três anos

Fonte: inquérito aos alunos

Pode percorrer-se a partir destes dados, e com base nas entrevistas realizadas, que o desejo de aprofundar os conhecimentos adquiridos na licenciatura ao longo do mestrado se escoram também na segurança propiciada pela licenciatura ao nível do conhecimento dos professores, do relacionamento com colegas e da familiaridade com a área de formação, incluindo teorias e metodologias.

Representações	%
Um projecto dispendioso mas válido profissionalmente	44,3
Um projecto demasiado dispendioso	3,8
Não responde	51,9
Total	100,0

Quadro 2: Representações do mestrado

Fonte: inquérito aos alunos

É certo que grande parte destes estudantes reside no distrito de Braga e o facto de considerarem o mestrado ainda dispendioso, induz-os escolher a Universidade do Minho para a realização do mestrado. No entanto, parece-nos que os motivos apresentados acima (conhecimento de professores, matérias e colegas) têm maior influência na decisão de realizar do mestrado. A efectuação do mestrado é justificada por acreditarem que este melhora as competências para posterior integração no mercado de trabalho, além de aperfeiçoar os conhecimentos, em geral. Esta representação sugere uma certa ruptura com a representação mais tradicional da formação pós-graduada segundo a qual este grau se destinava unicamente a percursos académicos.

Dado interessante relaciona-se com o curso. Os estudantes de sociologia inquiridos, como os de gestão, não perspectivam, na sua maioria, vir a realizar mestrado mas a encontrar um trabalho, embora possam retomar os estudos em paralelo com uma actividade profissional. Em sociologia, dos que afirmam pretender realizar o mestrado, a maioria afirma desejar fazê-lo noutra universidade. Os estudantes de línguas estrangeiras aplicadas indicam, na sua maioria, pretender realizar o mestrado e na mesma universidade, o mesmo acontecendo em ciências da comunicação. Nos dois casos valoriza-se este grau de ensino como uma forma de melhorar competências e ganhar pontos na empregabilidade.

As escolhas entre trabalhar e seguir um mestrado parecem também bifurcar-se em termos de género. Os rapazes têm tendência para indicar mais vezes terem como projecto seguir mestrado do que as raparigas. Estas almejam, em grande parte (54%), trabalhar no final da licenciatura, colocando a possibilidade de efectuar o mestrado em simultâneo.

Factores	%
A Deus pretence	7,3
Só depende de mim	31,8
Depende de mim mas também dos outros	60,9
Total	100,0

Quadro 3: Factores dos quais depende o futuro

Fonte: inquérito aos alunos

O futuro surge representado em cima de um fio enorme de incertezas e de ambiguidades, não só porque os próprios jovens assistem à derrocada de alguns sistemas organizativos, como se mostram incapazes de identificar quem (e quando) terá autoridade sobre os seus percursos profissionais e pessoais. Independentemente de ser visível a importância dos quadros temporais organizacionais e a sua capacidade de modelação e de encaminhamento de escolhas, observa-se um grau elevado de dependência face à família. Tal como se propõe em vários trabalhos (Branenn e Nilsen, 2002, Abrantes *et al*, 2007) a família constitui entre os jovens um valor e uma referência organizadora e inspiradora de projectos pessoais. Cerca de metade dos inquiridos assume que a família é um dos principais influenciadores dos seus destinos. Com base nas entrevistas podemos afirmar que a um certo grau de desconfiança e indiferença em relação ao que as instituições podem fazer pelos seus destinos se opõe a experiência fenomenológica em que se valorizam os círculos de relacionamento pessoal em que a família sobressai pelo papel de apoio moral e emocional. As estudantes tendem a evidenciar mais a importância do papel da família do que os inquiridos de sexo mascu-

lino, sendo aquela mais notória nos cursos de Gestão (cujas origens sociais se dispersam entre os profissionais técnicos e enquadramento e operários industriais) e Sociologia (origens sociais centradas nos trabalhadores independentes).

O meu futuro só de mim depende	42,9
O seu aconselhamento é fundamental	57,1
Total	100,0

Quadro 4: Importância da família no futuro

Fonte: inquérito aos alunos

A outra metade dos inquiridos, em especial de Ciências da Comunicação (com origens sociais centradas nos profissionais técnicos e de enquadramento) considera os destinos pessoais resultado da sua acção individual, esforço e trabalho. Apesar de não mencionarem a família como grandemente influente nos seus percursos, as entrevistas demonstram esta importância, sobretudo porque a família circunscreve o círculo de relacionamentos pessoais potencialmente valorizados na construção dos percursos profissionais.

De modo geral, a sorte não é um factor considerado preponderante nos percursos, comparativamente ao esforço e ao trabalho que aparecem mencionados em primeiro lugar. Tal traço não será de desapegar do facto da maioria dos inquiridos, dada a tipologia dos cursos em causa, ser do sexo feminino e proveniente de grupos com capital escolar e cultural moderado (profissionais técnicos e enquadramento e empregados executantes), favorecendo atitudes de adiamento de recompensa e de empenho nos estudos como forma de promoção social.

Grupo	%
Empresários, dirigentes, profissionais liberais	18,4
Profissionais técnicos e de enquadramento	21,3
Trabalhadores independentes	20,7
Trabalhadores independentes pluriactivos	1,1
Agricultores independentes	1,1
Empregados executantes	16,1
Operários industriais	12,6
Assalariados agrícolas	3,4
Assalariados executantes pluriactivos	5,7
Total	100,0

Quadro 5: Grupo social de pertença

Fonte: inquérito aos alunos

Para os jovens inquiridos há uma distância significativa entre o que serão os seus desejos para o futuro e a realidade que concebem como mais provável. No campo profissional, os jovens inquiridos dividem-se na partilha de dois perfis: por um lado, os que acreditam vir a ter emprego estável dentro de três anos, com bom horário de trabalho e salário (50%) e, por outro, os que não fazem ideia do que será a sua vida, apontando que o mais provável é estarem no desemprego (50%). É claro que a quase totalidade indica que gostaria de estar empregada, a trabalhar na área de formação e com estabilidade profissional.

Os anseios com a vida pessoal revelam crença vincada na sua concretização, registando-se dois perfis: os que perspectivam uma vida a “vida a dois”, e os que antecipam a ausência de compromissos familiares. É de notar que parece evidente uma representação dos projectos pessoais bastante ancorada na vida em comum, não necessariamente com projecção de filhos e dependente da situação profissional, pois os desejos efectivos conduzem-se nesse sentido.

O curso não aparece como sendo modelador destas aspirações e representações mas o género sobressai. São as mulheres que, apesar de evidenciarem um desejo de constituir família (um perfil bastante tradicional que poderá estar relacionado com a origem social) mais a denegam na “realidade” dos seus percursos ao considerarem que a actividade profissional (a estabilidade) estará em primeiro lugar. Em sequência, e em termos de rendimentos, os inquiridos indicam, na sua maioria, desejarem ganhar mais de 1000 euros por mês, todavia, a grande parte acredita que ganhará menos de 1000 euros, tal denotando uma construção do futuro baseada na avaliação que fazem da experiência do tempo presente. A vincar o regionalismo dos seus modos de vida, a grande parte gostaria de trabalhar no Norte de Portugal mas acredita que virá a trabalhar na região centro ou estrangeiro por necessidade e por causa da ausência de oportunidades em Portugal.

Neste trabalho, que abarca um grupo de cursos com várias características comuns, nomeadamente no que se refere aos percursos escolares anteriores à licenciatura, não encontramos uma relação significativa entre a origem social e a representação do futuro, em especial a respeito do grau de actividade individual. Nota-se, todavia, que a classe se reflecte, mais em particular, nas entrevistas, na percepção sobre as oportunidades abertas, ou não, pelas redes de relacionamento familiar. A família é apontada como sendo mais importante para os estudantes dos cursos de ciências da comunicação em que a origem social tende a estar localizada em níveis hierárquicos superiores (principalmente técnicos de enquadramento), comparativamente à Gestão e Sociologia (mais heterogénea mas com forte representação dos trabalhadores independentes e empregados executantes) e Gestão (sobretudo empregados executantes e operários). Apesar das representações tenderem para a ênfase do receio, da insegurança e incerteza observa-se algum condicionamento de classe quanto ao grau de optimismo/pessimismo com o qual se carregam as expectativas em relação ao futuro. Foi pedido aos inquiridos que mencionassem uma palavra indicativa do sentimento que tinham em relação ao futuro. O optimismo, a esperança e a confiança são

mais frequentemente afirmados pelos inquiridos com origens sociais localizadas ao nível dos empresários e profissionais liberais e profissionais técnicos e de enquadramento, estes referindo em particular a confiança (o que segue em sequência da valorização da acção individual sobre os seus percursos). O receio, o medo, a incerteza e a insegurança aparecem mais vezes indicadas pelos estudantes com origens sociais localizadas ao nível dos trabalhadores independentes, empregados executantes e operários, todavia a esperança faz ainda parte das palavras citadas pelos estudantes com origens nos trabalhadores independentes.

Nota conclusiva

Podemos estudar o futuro a partir das disposições macro-globais, incluindo-o como dimensão cultural condicionadora da acção dos actores. O futuro é ainda estudável sob a perspectiva fenomenológica, representando espacialmente a projecção do indivíduo sobre o seu próprio devir (Mead, 1959; Schutz, 1962). Neste texto dedicamo-nos um pouco mais à sua problematização seguindo uma via de tipo mais estrutural. Afloramos que a classe, o género e a idade afectam as representações e as acções sobre o futuro. A respeito dos jovens hoje, entendidos como estando integrados numa subcultura, e tendo em conta os dados recolhidos junto de alunos de quatro cursos, sustentamos que a acção individual dos jovens está bastante condicionada pelas representações dos mesmos acerca do seu futuro, incluindo nestas as imagens sobre a actividade profissional e a vida familiar, sendo que a primeira se assume como a mais relevante. Nesta sequência verificamos que os jovens evidenciam uma visão do que será o seu futuro bastante “presentificada”, isto é, fixada na avaliação que fazem da situação que eles próprios e as suas famílias vivem no presente. Tal não só se explica pelo receio face às más perspectivas de encontrar uma actividade profissional mas também pela impressão que recolhem sobre o grau de encaminhamento por parte das instituições de formação, nomeadamente a respeito da «quantidade de tempo» implicada em cada percurso formativo.

Constata-se, com efeito, que a ausência de esquemas formais reguladores das opções (nomeadamente a inexistência de mestrados integrados) gera profundas ambiguidades nas decisões individuais e familiares acerca das opções a tomar pós-licenciatura. É certo que as sociedades modernas carregam a vida dos indivíduos de decisões “individuais” e de responsabilidades pessoais sobre os destinos sociais, transmitindo-lhe a experiência de um certo tipo de «sofrimento identitário» (Breton, 2007). Mas este trabalho, embora de carácter exploratório, evidencia a grande incerteza que pulveriza os universos representacionais dos jovens tanto a nível profissional como pessoal, permitindo sugerir um novo tipo de papel das instituições (Lallement, 2007), se não tão regulador pelo menos mais orientador das opções.

Referências Bibliográficas

- Abrantes, Pedro e Guerreiro, Maria das Dores (2007) *Transições incertas, os jovens perante o trabalho e a família*, Lisboa: Comissão para a Igualdade no trabalho e no Emprego.
- Adam, Barbara (1990) *Time and Social Theory*, Cambridge: Polity Press.
- Araújo, Emília (2005) "O conceito de Futuro" in Emília Araújo (org.) *Actas da conferência O futuro não pode começar*, Braga, Universidade do Minho, NES, pp. 7-48.
- Bauman, Zygmunt (2003) *The individualized society*, Cambridge: Polity Press.
- Beck, Ulrich (2001) *La Société du risque - Sur la voie d'une autre modernité*. Aubier.
- Boltanski, L. e Chiapello, E. (2000) *Le nouvel esprit du capitalisme*, Paris : Gallimard.
- Breton, David Le. (2007) 'Sociologie et souffrances adolescentes', *Configurações*, 3 (forthcoming).
- Brose, A. (2004) 'An Introduction towards a culture of non-simultaneity?' *Time & Society*, 13: 5 - 26.
- Coser, L. e Coser, R. (1963) 'Time Perspective and Social Structure' in: Hassard, J. (ed.) *The Sociology Study of Time*, The Macmillan Press, pp:191-202.
- Crompton, R. e Lyonette, C. (2006) 'Work-life 'balance' in Europe', *Acta Sociologica*, 49, 4 : 379-93.
- Dubar, Claude (2000) *La crise des identités. L'interprétation d'une mutation*, Paris : Presses Universitaires de France.
- Dubar, Claude (2002) 'L'articulation des temporalités dans la construction des identités personnelles: questions de recherche et problèmes d'interprétation', *Temporalités*, 44. In <http://www.sociologics.org/temporalistes>. Consulté 10 Décembre 2007.
- Dubar, Claude (2004) 'Régimes de temporalités et mutation des temps sociaux', *Temporalités*, 1 : 108-119.
- Giddens, Anthony (1991) *Modernidade e Identidade Pessoal*, Oeiras : Celta.
- Lallement, Michel (2003) *Temps, travail et modes de vie*, Paris : PUF.
- Lallement, Michel (2007) 'Le temps comme institution' in Araújo, E. et Duarte, A. (eds) *Quando o tempo desaparece - tempo e simultaneidade*, Porto : Ecopsy: pp. 48-81.
- Le Shan, L. L. (1952) 'Time Orientation and Social Class', *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 47: 589-92.
- Leccardi, Carmen e Rampanzi, Marita (1993) 'Past and Future in Young Women's Experience of Time', *Time & Society*, 2: 353-80.
- Machado, F. L.; Costa, A. F. da; Mauritti R.; Martins, S. da C.; Casanova, J. L. & Almeida, J. F. de. (2003) 'Classes sociais e estudantes universitários: Origens, oportunidades e orientações'. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 66, Outubro 2003: 45-80.
- Mead, George H. (1959) *The Philosophy of the Present*, La Salle : Open Court.
- Mercure, Daniel (1995) *Les temporalités sociales*, Paris : L'Harmattan Mirchandani.
- Mercure, Daniel (1996) 'Perspectives d'avenir', *Temporalistes*, 33: 10-11.
- Nunes, João; Alves, Natália; Pais, José M; Vasconcelos, Pedro; Fernandes, Ana A; Cabral, Manuel Villaverde; (1997) *Jovens Portugueses de Hoje*, Celta Editora: Oeiras.
- Pais, J. M. (2005) *Ganchos, tuchos e biscates. Jovens, trabalho e futuro*, Lisboa: Âmbar.
- Sue, Roger (1995) *Temps et ordre social : sociologie des temps sociaux*, 2^a Ed. Paris : Presses Universitaires de France.
- Schutz, Alfred (1962) *Collected papers Vol. I. The problem of social reality*, The Hague: Martinus Nijhoff.
- Thoemmes, J. (2000) *Vers la fin du temps de travail*, Paris : Presses Universitaires de France.
- Zarifian, P. (2001) *Temps et Modernité. Le temps comme enjeu du monde moderne*, Paris : L'Harmattan.